



ARTIGOS LIVRES



<https://doi.org/10.18764/1983-2850v19n56e28729>

A reinvenção do sagrado na Amazônia Tocantina: fé e ancestralidade na festa da Marierrê

Fernanda Varela

Doutora em Educação



<http://lattes.cnpq.br/1415870401124224>



<https://orcid.org/0000-0002-3282-0359>



nilcameta@yahoo.com.br

**Tatiane do Socorro Correa
Teixeira da Silva**

Doutora em Antropologia.



<http://lattes.cnpq.br/3961241114192066>



<https://orcid.org/0000-0001-5729-2954>



tatyluzia@yahoo.com.br

**Benedita Celeste de Moraes
Pinto**

Doutora em História.
Professora Associada da Universidade Federal
do Pará.



<http://lattes.cnpq.br/7489392738166786>

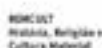


<https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>



celestepinto@ufpa.br

RECEBIDO | 18 fev. 2026 – APROVADO | 16 set. 2026



Resumo | Este artigo analisa a festa da Marierrê, realizada na vila de Carapajó, no Pará, dedicada à Nossa Senhora do Rosário, tomando-a como expressão da religiosidade afrodescendente e como espaço de produção e transmissão de saberes do sagrado na Amazônia Tocantina. O problema de pesquisa consiste em cõreender de que modo essa celebração, formalmente vinculada ao catolicismo, reelabora elementos de matriz africana e os converte em práticas religiosas próprias, associadas à memória, à identidade e à resistência cultural. O estudo tem como objetivo central analisar as articulações entre fé, festa e ancestralidade, evidenciando os processos de reinvenção do sagrado no interior da experiência comunitária. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica e histórica, articulando observação participante, registros fotográficos, entrevistas com mestres e mestras guardiãs, análise de narrativas orais e documentos produzidos no contexto da celebração. A análise dialoga com referenciais da história cultural, da antropologia das religiões e dos estudos interculturais, situando a Marierrê nas dinâmicas da modernidade-colonialidade. Os resultados indicam que a festa se configura como um espaço de disputas simbólicas, de elaboração da memória coletiva e de afirmação identitária, no qual práticas devocionais são continuamente ressignificadas. Conclui-se que a Marierrê constitui um território de produção de conhecimentos situados, contribuindo para a preservação da religiosidade afrodescendente e para o fortalecimento dos vínculos comunitários na Amazônia Tocantina.

Palavras-chave: festas negras; religiosidade afrodescendente; saberes do sagrado; ancestralidade; Amazônia Tocantina.

Reinventing the sacred in the Tocantins Amazon: faith and ancestry in the Marierrê festival

Abstract | This article examines the Marierrê festival, held in the village of Carapajó, Pará, in honor of Our Lady of the Rosary, as an expression of afro-descendant religiosity and as a site where sacred knowledge is produced and transmitted within the Tocantina Amazon. The guiding research problem is to understand how this celebration, formally tied to catholicism, reworks elements of african origin and turns them into distinctive religious practices bound up with memory, identity, and cultural resistance. The study's central aim is to examine the interplay of faith, festivity, and ancestry, bringing to light the processes through which the sacred is continually reinvented within community experience. Methodologically, the research draws on a qualitative approach informed by ethnography and history, combining participant observation, photographic records, interviews with the festival's guardian elders (mestres and mestras), analysis of oral narratives, and documents produced in the context of the celebration. The analysis engages with frameworks from cultural history, the anthropology of religion, and intercultural studies, situating Marierrê within the dynamics of modernity/coloniality. The findings show that the festival functions as an arena of symbolic contestation, collective memory-making, and identity affirmation, in which devotional practices are continually reshaped and given new meaning. The article concludes that Marierrê constitutes a site for the production of situated knowledge, contributing to the preservation of Afro-descendant religiosity and to the strengthening of community bonds in the Tocantins Amazon.

Keywords: black festivals; afro-descendant religiosity; sacred knowledge; ancestry; Tocantina Amazon.

La reinvencción de lo sagrado en la Amazonía Tocantina: fe y ancestralidad en la fiesta de la Marierrê

Resumen | Este artículo analiza la fiesta de la Marierrê, realizada en la villa de Carapajó, en el estado de Pará, dedicada a Nuestra Señora del Rosario, considerándola como una expresión de la religiosidad afrodescendiente y como un espacio de producción y transmisión de saberes del sagrado en la Amazonía Tocantina. El problema de investigación consiste en cõreender de qué manera esta celebración, formalmente vinculada al catolicismo, reelabora elementos de matriz africana y los convierte en prácticas religiosas propias, asociadas a la memoria, la identidad y la resistencia cultural. El objetivo central del estudio es examinar las articulaciones entre fe, fiesta y ancestralidad, evidenciando los procesos de reinvencción de lo sagrado en el seno de la experiencia comunitaria. Metodológicamente, la investigación se fundamenta en un enfoque cualitativo, de inspiración etnográfica e histórica, articulando observación participante, registros fotográficos, entrevistas con maestros y maestras guardianes, así como el análisis de narrativas orales y documentos producidos en el contexto de la celebración. El análisis dialoga con

referentes de la historia cultural, la antropología de las religiones y los estudios interculturales, situando la Marierrê en las dinámicas de la modernidad-colonialidad. Los resultados indican que la fiesta se configura como un espacio de disputas simbólicas, de construcción de la memoria colectiva y de afirmación identitaria, en el cual las prácticas devocionales son continuamente resignificadas. Se concluye que la Marierrê constituye un territorio de producción de conocimientos situados, contribuyendo a la preservación de la religiosidad afrodescendiente y al fortalecimiento de los vínculos comunitarios en la Amazonía Tocantina.

Palabras clave: fiestas negras; religiosidad afrodescendiente; saberes del sagrado; ancestralidad; Amazonía Tocantina.

Introdução

O estudo das festas negras e afro-indígenas constitui um campo fecundo para a compreensão das formas pelas quais populações historicamente subalternizadas elaboraram, ao longo do tempo, estratégias de permanência cultural, de reorganização simbólica e de resistência religiosa. Para essas comunidades as festas não representam apenas um momento esporádico de lazer, mas configuram-se como espaços de produção de sentidos, de sociabilidade, de educação e de transmissão de saberes que articulam fé, memória, território e identidade coletiva. No contexto da Amazônia Tocantina, tais manifestações revelam dinâmicas singulares, marcadas pela confluência de matrizes africanas e indígenas, resultando em formas específicas de viver o sagrado.

Neste artigo, analisa-se a festa da Marierrê, realizada na vila de Carapajó, no Pará, dedicada à Nossa Senhora do Rosário, compreendida como uma expressão de raiz africana de religiosidade e como um espaço privilegiado de aprendizagem de saberes religiosos. Parte-se do entendimento de que, embora formalmente inscrita no calendário católico, a Marierrê opera por meio de uma lógica simbólica própria, na qual elementos da religiosidade africana não apenas coexistem com o cristianismo, mas o resignificam, conferindo novos sentidos às práticas devocionais, aos moldes das estratégias usadas pelas populações africanas e seus descendentes para operar sua religiosidade mesmo diante das inúmeras violências e tentativas de castração da fé dessas populações.

Nesse sentido, o objetivo central do estudo é compreender como a Marierrê articula festa e fé, evidenciando os modos pelos quais a religiosidade afrodescendente se manifesta, se preserva e se atualiza no interior de uma celebração comunitária na Amazônia Tocantina. De modo específico, busca-se: analisar os aspectos simbólicos e rituais da festa, relacionando-os às matrizes africanas de organização social e espiritual; compreender a centralidade da realeza simbólica no interior da celebração; e discutir os saberes do sagrado como práticas educativas transmitidas por meio da oralidade, da experiência ritual e da memória dessa população.

A relevância da pesquisa reside na possibilidade de contribuir para os debates contemporâneos sobre festas negras e afro-indígenas, religiosidade popular e culturas afro-brasileiras, especialmente no campo da História das Religiões. Ao focalizar a Marierrê, o estudo tensiona leituras que reduzem tais festas a expressões folclóricas, evidenciando-as como práticas religiosas complexas, atravessadas por disputas simbólicas, por processos históricos de dominação e por estratégias de resistência cultural. Ademais, o artigo dialoga com as discussões fomentadas pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, ao valorizar saberes afrodescendentes e indígenas frequentemente marginalizados nos espaços institucionais de produção do conhecimento.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa ancora-se em uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica e histórica, articulando observação participante durante os dias da festa, registros fotográficos, entrevistas com mestres e mestras guardiãs, bem como análise de narrativas orais e de documentos produzidos no âmbito da própria celebração. O referencial teórico dialoga com autores da história cultural, da antropologia das religiões e dos estudos interculturais, como Bastide (2001), Candau (2012), Hall (2003), Gruzinski (2001), Chartier (1990), entre outros, já mobilizados na tese que fundamenta este artigo.

A partir desse diálogo teórico, o presente estudo insere-se em uma perspectiva crítica que compreende as festas negras como produções históricas inscritas nas dinâmicas da modernidade-colonialidade, nas quais se forjaram hierarquias raciais, epistemológicas e religiosas. Sob esse prisma, a Marierrê é analisada como expressão de uma racionalidade própria, construída no interior de processos de dominação, mas também de negociação, reinvenção e insurgência simbólica. As práticas festivo-religiosas, longe de se configurarem como resíduos de um passado imobilizado, revelam-se como formas ativas de elaboração da memória, de afirmação identitária e de produção de sentidos sobre o sagrado, articuladas às experiências históricas de escravização, marginalização e resistência vividas por populações afrodescendentes na Amazônia Tocantina.

Nessa direção, a análise proposta reconhece a festa como um campo de disputas e de criação cultural, no qual se entrelaçam fé, política, ancestralidade e educação comunitária. Ao compreender a Marierrê como um espaço de reinvenção do sagrado, o artigo evidencia como saberes religiosos são continuamente reinterpretados à luz das condições sociais, históricas e territoriais de Carapajó. Tal perspectiva permite problematizar leituras reducionistas que desconsideram a complexidade dessas experiências, situando a religiosidade afrodescendente como prática viva, situada e produtora de conhecimento. É a partir desse enquadramento que se desenvolve, no tópico seguinte, a discussão sobre festa, religiosidade e reinvenção do sagrado, buscando compreender os modos pelos quais a comunidade elabora, transmite e atualiza seus vínculos com o divino no contexto da festa.

Antes de avançar para a análise das articulações entre religiosidade, ancestralidade e reinvenção do sagrado, torna-se necessário apresentar a dinâmica organizacional, os espaços, os rituais e os sujeitos que sustentam a realização da Marierrê.

A Marierrê: território, organização ritual e transmissão da tradição

A Marierrê, também conhecida como Festa de Nossa Senhora do Rosário, é uma celebração realizada anualmente na Vila de Carapajó¹, distrito pertencente ao município de Cametá, no estado do Pará. Segundo a memória oral dos moradores mais antigos, trata-se de uma tradição secular que ocorre há mais de duzentos anos e que ocupa lugar central na vida religiosa, cultural e social da comunidade. Formalmente dedicada à Nossa Senhora do Rosário, a festa reúne elementos do catolicismo popular, da ancestralidade afro-amazônica e de formas próprias

¹ É um dos distritos da cidade de Cametá/PA, e faz limite com os Municípios de Igarapé-Miri e Mocajuba, assim como também com outros distritos pertencentes à Cametá: distrito da Vila de Curuçambaba, Vila de Bom Jardim, Vila de Moiraba, Vila do Carmo, Vila de Areião e outras vilas como: Porto Grande, Maú, Belos Prazeres, etc. (Machado **et al.**, 2024).

de organização comunitária, constituindo uma experiência singular de vivência do sagrado na Amazônia Tocantina².

Imagem 1 - A corte real da Marierrê.



Fonte: @bimbaneto - Acervo fotografia documental, 2024.

O ciclo principal da celebração ocorre entre os dias 24 e 26 de dezembro, estendendo-se simbolicamente até o dia 5 de janeiro, quando acontece a despedida da realeza durante a Festa de Reis. Ao longo desse período, a vila transforma-se em um grande território festivo, no qual diferentes espaços assumem funções rituais específicas. A Casa Santa, os palácios do rei e da rainha, a igreja matriz e as ruas percorridas pelos cortejos integram um circuito simbólico que articula devoção, memória e pertencimento coletivo. Mais do que servir de cenário para os acontecimentos festivos, esses lugares tornam-se parte constitutiva da própria experiência religiosa, convertendo o território em suporte da tradição e da memória comunitária.

A abertura da Marierrê acontece na noite de 24 de dezembro, na Casa Santa, espaço considerado pelos moradores como um dos centros sagrados da celebração. Sob a condução da mestra guardiã, atualmente representada por dona Marinete Ribeiro, realiza-se a primeira ladainha da festa. Nesse momento são apresentados e benzidos os principais símbolos rituais, entre eles as coroas do rei e da rainha, o cetro, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, o Menino Jesus e o prato com flores. A cerimônia marca o início do ciclo festivo e introduz publicamente a corte real, estabelecendo uma conexão entre os participantes, os objetos sagrados e a memória da tradição. Após a reza, os festantes seguem em direção à igreja matriz para a missa de Natal, acompanhados por cânticos tradicionais que anunciam a abertura oficial da Marierrê.

No dia seguinte, as atividades concentram-se nos palácios reais. Essas residências, que durante o restante do ano mantêm suas funções cotidianas, passam temporariamente a ocupar

2 Pinto (2005, p. 345) refere-se à Amazônia Tocantina como o território formado pela “microrregião de Cametá” (composta pelos municípios de Abaetetuba, Baião, Cametá, Igarapé-Miri, Limoeiro de Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará), assim como em muitas paragens da Amazônia nesse locus os hábitos, modos de vida cotidianos e expressões culturais ainda sobrevivem conforme vivências, crenças e criações de gerações passadas, alternando-se e convivendo com tempos modernos, sem alterar em muito seu modo de vir a ser.

uma posição central na dinâmica da festa. Ornamentados com tecidos, flores e símbolos religiosos, os palácios acolhem visitantes, realizam ladainhas, promovem encontros comunitários e funcionam como espaços de preparação para os ritos da coroação. Nesses ambientes, a presença da realeza assume visibilidade pública e reforça uma organização ritual que atribui ao rei e à rainha responsabilidades simbólicas perante a comunidade.

O ponto culminante da Marierrê ocorre no dia 26 de dezembro. Pela manhã, o corpo real percorre as ruas da vila em direção à igreja matriz para a cerimônia de coroação. O cortejo constitui um dos momentos mais emblemáticos da festa, pois apresenta à comunidade os sujeitos que assumirão a função de representar a realeza naquele ciclo festivo. Ao longo do percurso, moradores acompanham a passagem dos reis e rainhas das portas, janelas, calçadas e espaços públicos, transformando o deslocamento em uma manifestação coletiva de fé e pertencimento. Após a coroação, realizada durante a missa, o retorno aos palácios simboliza a consagração da autoridade ritual da realeza e reafirma a continuidade de uma tradição que atravessa gerações.

A dimensão comunitária da Marierrê manifesta-se de forma particularmente intensa nas práticas de partilha. Durante os dias da celebração são distribuídos alimentos e bebidas preparados pelas famílias reais, destacando-se o tradicional chocolate servido aos visitantes e o almoço oferecido gratuitamente à comunidade após a coroação. Essas práticas ultrapassam o simples ato de alimentar, constituindo formas de sociabilidade e reciprocidade que fortalecem os vínculos entre os participantes. Conforme narram os moradores, a fartura e a partilha são elementos indispensáveis à realização da festa, sendo frequentemente associadas às bênçãos recebidas pela realeza e pela comunidade.

Outro elemento estruturante da Marierrê é o samba de cacete, manifestação musical que acompanha diferentes momentos da celebração e mobiliza mestres, músicos, dançarinos e brincantes. Os tambores, os cantos, as danças e a produção da dizimbirra compõem uma ambiência festiva na qual religiosidade, memória e ancestralidade se entrelaçam. Mais do que entretenimento, o samba de cacete constitui uma linguagem cultural por meio da qual são transmitidos conhecimentos, experiências e referências identitárias vinculadas à trajetória histórica das populações negras da região.

A realização da Marierrê depende de uma complexa rede de responsabilidades coletivas. No centro dessa estrutura encontra-se a figura da mestra guardiã, responsável pela guarda dos símbolos sagrados, pela condução das ladainhas, pela orientação da corte real e pela preservação da memória ritual da celebração. Ao seu lado atuam mestres do samba de cacete, cozinheiros, familiares da realeza e diversos colaboradores encarregados da preparação dos alimentos, da ornamentação dos espaços, da organização dos cortejos e do cumprimento das obrigações que sustentam a festa. Essa estrutura revela que a Marierrê não se restringe aos dias festivos, mas envolve um trabalho contínuo de planejamento, mobilização e transmissão de conhecimentos.

A continuidade da tradição também se expressa na escolha dos futuros reis e rainhas. Conforme a prática local, os pais inscrevem seus filhos ainda na infância junto à mestra guardiã, que registra seus nomes no Livro da Marierrê, documento responsável por organizar a sucessão dos reinados. Em muitos casos, as famílias aguardam anos ou até décadas para que seus filhos assumam a realeza. Esse mecanismo evidencia que a participação na festa não constitui apenas uma função temporária, mas um compromisso construído ao longo do tempo, envolvendo expectativas familiares, responsabilidades comunitárias e vínculos afetivos com a tradição.

É nesse conjunto de práticas, espaços, sujeitos e simbolismos que a Marierrê se consolida como uma experiência religiosa e cultural profundamente enraizada na vida comunitária de Carapajó. Mais do que uma festividade anual, a celebração constitui um sistema de transmissão de saberes, de reafirmação identitária e de produção de pertencimento coletivo, no qual memória, ancestralidade, território e religiosidade se articulam de maneira indissociável. Tal configuração oferece elementos fundamentais para compreender os processos de reinvenção do sagrado que serão discutidos nas seções seguintes.

Festa, religiosidade afro e reinvenção do sagrado em Carapajó

As festas negras no Brasil, especialmente aquelas que realizam a coroação de reis, frequentemente são analisadas sob a lente das comparações, destacando elementos comuns como os símbolos de realeza, a devoção religiosa e a celebração coletiva. Contudo, neste artigo, busquei valorizar a singularidade da Marierrê enquanto espaço de produção de saberes e conhecimentos próprios. Compreendo que as comparações podem ser úteis para contextualizar práticas culturais e religiosas, mas correm o risco de homogeneizar experiências que, embora dialoguem com outras manifestações, carregam especificidades históricas, sociais e simbólicas que não podem ser ignoradas.

Para Perez (2011, p. 102) “[...] As festas foram, e continuam sendo, fundamentais na estruturação de nosso tecido societário, de nossas pautas de relacionamento, de nosso estilo de vida, de nossa sensibilidade estética [...]”. Dentre tantas funções dadas à festa, a educativa ainda carece de estudos, conforme foi evidenciado no estado da arte desta pesquisa. Logo, não se pode observar a festa apenas de fora, de longe ou do alto. Ela tem chamado a dançar e a vibrar em seus sons e na sua religiosidade, onde nada parece ser ao acaso, sendo necessário decifrar seus significados.

A Marierrê, ao ser vivida e narrada pelos seus próprios festantes, revela modos de festejar que celebram a ancestralidade, contudo, também a recriam em cada rito. Assim, a potência da festa não reside em sua similaridade com outras celebrações, mas na forma como ela expressa, a partir de seu contexto amazônico e de sua memória negra, um universo próprio de significados e práticas. As palavras de Bezerra (2014) corroboram essa reflexão ao afirmar que:

As festas passaram a ser o veículo de rememoração dessas vinculações fragilizadas ou perdidas com a escravização e o espaço desconstrução de novas representações e identidades. As irmandades com suas coroações e cortejos construíam suas identidades negras e pertencças na mesma medida em que sedimentavam laços de solidariedade entre seus supostamente iguais, demarcando uma diferença cultural com os ‘outros’ que não pertenciam à mesma agremiação. Essa diferenciação poderia ser tanto em relação aos brancos como com os pardos que muitas vezes tinham suas próprias organizações e manifestações festivas (Bezerra, 2014, p. 130) .

A Marierrê, portanto, não é uma mera reprodução de outras festas negras, trata-se de uma manifestação singular que articula memória, resistência e ancestralidade em um contexto amazônico particular. Reconhecer essa especificidade é fundamental para compreender que, mais do que replicar tradições, a Marierrê as reinventa, criando sentidos e modos de festejar que dialogam com o presente sem perder a conexão com suas raízes. É nesse processo criativo e autônomo que reside sua força como produtora de saberes e guardiã de conhecimentos ancestrais.

Perez, Amaral e Mesquita (2012, p. 41), afirmam que “[...] não é apenas um evento periodicamente realizado, não é o fato da festa em si, mas o mecanismo, o operador de ligações que pode se instaurar no interior mesmo do fato-evento instituído que chamamos vulgarmente de festa”. Nessa mesma linha, Souza (2002, p. 61) entende que “as festas ligadas ao catolicismo foram sempre integradas às comunidades negras por meio das ‘exterioridades do culto’ e não pela ‘assimilação dos conceitos teóricos da fé’”. Nesse sentido, a autora afirma que os negros elegeram Nossa Senhora do Rosário para objeto de culto por terem estabelecido uma relação direta entre seu rosário e o rosário de Ifá, usado por sacerdotes Africanos e não como espelho de tradição.

A inclinação de Carapajó para o festejar não pode ser compreendida dissociada de sua história social, marcada por processos de colonização, escravização e reorganização cultural. Nesse território amazônico, as festas não se configuram como eventos periféricos ou secundários à vida social, mas como estruturas centrais de produção de sentidos, de ordenamento simbólico e de elaboração religiosa. A Marierrê, nesse contexto, constitui-se como uma prática ritual na qual se entrelaçam fé, ancestralidade, memória e pertencimento, configurando uma forma própria de vivenciar o sagrado.

Diferentemente das concepções religiosas de matriz europeia moderna, baseadas na separação entre esferas sagrada e profana, a religiosidade carapajoense organiza-se a partir de uma lógica relacional e imanente. O sagrado não se apresenta como uma dimensão distante, circunscrita aos templos ou aos momentos litúrgicos formais, mas como uma força que atravessa a vida cotidiana, os corpos, os objetos, os espaços e as relações comunitárias. Essa concepção aproxima-se das cosmologias africanas e indígenas, nas quais o mundo é compreendido como permanentemente habitado por presenças espirituais, e não como um espaço neutro separado da transcendência.

Nesse sentido, a experiência religiosa em Carapajó pode ser compreendida como um sistema simbólico vivo, continuamente produzido e atualizado nas práticas coletivas. Conforme indica Geertz (1989), a religião opera como um sistema cultural que fornece modelos de interpretação da realidade e orienta as emoções, os comportamentos e as expectativas dos sujeitos. Na Marierrê, esse sistema manifesta-se na organização dos ritos, na disposição dos símbolos, na hierarquia ritual e na forma como os participantes interpretam sua própria inserção na festa. Para os carapajoenses adentrar a festa e sua cultura, bem como seus símbolos, adquire sentido semelhante ao narrado por Gomes e Pereira (1990), em relação às vivências festivas em Arturo:

Adentrar a terra paterna é vivenciar o mundo dos ancestrais, é viver sobre a lembrança de Arthur Camilo, é cóor a grande unidade familiar. Atravessar a porteira e ir dançar lá fora é uma das formas de resistência, que consiste em mostrar ao povo a fé que alimentou e alimenta o negro. É como se ocorresse também uma demonstração de poder, pela posse de um mistério particular, do qual os outros não participam e não chegam a entender: a força da convivência com o sagrado (Gomes; Pereira, 1990, p. 80).

A partir da perspectiva compreende-se que os significados não residem nos objetos em si, mas nas práticas sociais que os produzem, os manipulam e os interpretam. Assim, na Marierrê, coroas, cetros, vestimentas, imagens e espaços não são intrinsecamente sagrados, mas tornam-se sagrados por meio de processos históricos de consagração, reconhecimento coletivo e transmissão simbólica. O sagrado, portanto, não é uma essência fixa, mas uma construção relacional, situada no tempo e no espaço. Embora dedicada formalmente a Nossa Senhora do

Rosário, a Marierrê desloca o centro exclusivo da devoção mariana ao conferir protagonismo ao rei, à rainha e à mestra guardiã. Essas figuras não atuam apenas como personagens cerimoniais, mas como agentes religiosos investidos de autoridade simbólica. Sua legitimidade decorre de um reconhecimento comunitário sustentado pela memória, pela ancestralidade e pela fidelidade à tradição. Tal configuração remete às formas africanas de organização religiosa, nas quais lideranças espirituais acumulam funções políticas, pedagógicas e rituais.

Bastide (2001) demonstra que, no contexto da diáspora africana, as religiões não se limitaram a sobreviver passivamente à imposição do cristianismo, mas desenvolveram sofisticadas estratégias de ressignificação. Santos católicos, festas litúrgicas e espaços eclesiais passaram a funcionar como suportes simbólicos para a continuidade de cosmologias africanas. Na Marierrê, esse processo manifesta-se na coexistência entre devoção mariana e centralidade da realeza simbólica, evidenciando uma forma própria de cristianismo afro-amazônico.

O sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa assim um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma “reinvenção de significados” e uma “circularidade de culturas”. Trata-se de uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores também trouxeram da África e, eles e seus descendentes, aliaram no Brasil. Em decorrência do sincretismo, podemos dizer que as religiões afro-brasileiras têm algo de africanas e de brasileiras sendo, porém diferentes das matrizes que as geraram (Ferreti, 2007, comunicação oral)

Esse movimento não deve ser compreendido como sincretismo no sentido simplificador do termo, mas como produção ativa de sentidos religiosos. Trata-se de um processo no qual as populações negras e afro-indígenas reinterpretam elementos hegemônicos à luz de suas próprias matrizes simbólicas, produzindo formas híbridas, dinâmicas e historicamente situadas de religiosidade.

Consideramos o sincretismo, como elemento essencial de todas as formas de religião, que está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral, como em diversos elementos da religião oficial, por exêlo no Catolicismo. Constatamos que o sincretismo constitui uma das características centrais das festas religiosas populares. Nas religiões afrobrasileiras o sincretismo é uma forma de relacionar o africano com o brasileiro, de fazer alianças como o escravo aprendeu na senzala e nos quilombos “sem se transformar totalmente naquilo que o senhor desejava” (Reis, 1996, p. 20).

Ao mesmo tempo, conforme observa Munanga (1996, p. 63) esses processos impediram que tais grupos permanecessem “presos a modelos ideológicos excludentes” favorecendo a construção de formas religiosas dinâmicas, abertas à recriação e à ressignificação.

Essa perspectiva permite compreender a Marierrê para além de uma simples justaposição entre elementos africanos e católicos. O que se observa na festa é a constituição de uma experiência religiosa própria, produzida por meio da reelaboração contínua de símbolos, práticas e significados herdados de diferentes matrizes culturais. A devoção à Nossa Senhora do Rosário convive com a centralidade da realeza, dos cortejos, das ladainhas e de artefatos que adquirem estatuto religioso no interior da celebração, evidenciando a capacidade criativa da comunidade em produzir sentidos para sua experiência do sagrado.

A sacralização dos artefatos rituais constitui um dos aspectos mais expressivos dessa dinâmica. O cetro, as coroas, os trajes da realeza e os objetos dispostos no altar não são compreendidos como meros elementos decorativos. Eles são submetidos a ritos de consagração, recebem bênçãos, são manipulados segundo protocolos específicos e ocupam posições hierarquizadas nos espaços sagrados. Ao serem beijados, reverenciados e cuidadosamente preservados, esses objetos passam a integrar o circuito do sagrado, funcionando como mediadores da presença divina.

Essa dinâmica aproxima-se da noção de hierofania formulada por Eliade (1992), entendida como a manifestação do sagrado no mundo. Contudo, na experiência carapajoense, essa manifestação não se dá como evento extraordinário, mas como processo cotidiano, reiterado na repetição ritual e na continuidade da tradição. O sagrado emerge da própria vida social e se renova na participação coletiva.

Além dos objetos, as próprias pessoas são sacralizadas no interior da festa. Reis, rainhas e mestra guardiã assumem uma condição espiritual diferenciada, que se expressa tanto em suas responsabilidades rituais quanto na forma como são tratados pela comunidade. Sua autoridade não se fundamenta apenas em critérios organizacionais, mas em um reconhecimento espiritual que lhes confere legitimidade para conduzir os ritos, guardar os símbolos e preservar a memória da festa.

Nas matrizes afro-diaspóricas, conforme discutem Bastide (2001) e Sodré (2017), corpos, palavras, gestos e objetos são portadores de força simbólica e espiritual. A religiosidade não se limita a crenças abstratas, mas se manifesta na materialidade da existência. A Marierrê expressa essa cosmovisão relacional, na qual o sagrado circula entre pessoas, coisas e espaços, produzindo uma rede simbólica que sustenta a vida comunitária.

Nesse contexto, aquilo que poderia ser classificado externamente como profano é, na experiência local, permanentemente ressignificado como sagrado. A festa institui um tempo-espaço no qual o cotidiano é ritualizado, e as práticas ordinárias são investidas de densidade simbólica. Comer, caminhar, cantar, vestir-se e rezar tornam-se atos religiosos quando inseridos na lógica da celebração.

A fé, portanto, não se expressa apenas na adesão a dogmas, mas na participação responsável na tradição, no cuidado com os símbolos, no respeito às hierarquias rituais e na disposição para servir à festa. Trata-se de uma religiosidade vivida, performada e compartilhada, que se constrói na experiência coletiva.

Essa configuração pode ser compreendida à luz da interculturalidade crítica proposta por Candau (2012), à medida que a Marierrê constitui um espaço de afirmação de saberes subalternizados, de questionamento das hierarquias culturais e de resistência simbólica. A religiosidade ali praticada não reproduz passivamente modelos hegemônicos, mas os reinterpreta a partir de referências afro-indígenas, produzindo uma forma própria de espiritualidade amazônica.

Dessa forma, a Marierrê configura-se como um sistema religioso complexo, no qual fé, memória, ancestralidade e materialidade se articulam de maneira indissociável. Objetos, pessoas e espaços são continuamente sacralizados, reinscritos e atualizados, assegurando a vitalidade da tradição. Essa dinâmica prepara o terreno para a compreensão dos saberes do sagrado, analisados na seção seguinte, nos quais essa religiosidade se converte em prática formativa, memória viva e patrimônio cultural.

Saberes do sagrado: a aprendizagem da dimensão religiosa na Marierrê

A homenagem à Nossa Senhora do Rosário, no contexto da Marierrê, apresenta uma dinâmica simbólica que transcende a devoção católica à santa. Embora o evento seja aparentemente centrado nessa santa, o destaque visual e ritual recai sobre o rei e a rainha, figuras que carregam forte influência das tradições africanas. Esse protagonismo fica ainda mais evidente quando se percebe que a Rosário compartilha do altar com outros símbolos, o que revela um movimento de ressignificação religiosa típico das comunidades afrodescendentes.

Como aponta Bastide (2001), as práticas religiosas de matriz africana, ao serem confrontadas com o catolicismo imposto pelo processo de colonização, não se anularam, mas criaram estratégias de adaptação e resistência, utilizando os santos católicos como fachadas para seus próprios orixás e divindades. Nesse sentido, a Marierrê se insere em uma longa tradição de recriação simbólica que resiste ao apagamento cultural e reafirma identidades. Em consonância com a ideia de ressignificação religiosa, Gonzalez (2024) diz que:

A violência da escravidão caracterizou-se não só pela ruptura dos referenciais básicos da sociedade africana, como pela cuidadosa mistura das diferentes etnias, demonstrando grande eficácia na destruição das estruturas sociais. Aconteceu, porém, que os valores religiosos, tão essenciais nas civilizações africanas, foram resguardados pelos afro-negros brasileiros. Em seu processo de duplo ajustamento à sociedade brasileira, os escravizados forjaram uma nova identidade que, de um lado, adaptava-se taticamente às exigências de obediência e fidelidade ao modelo dominante e, de outro, integrava-se de fato às formas de vida e de pensamento que iam sendo elaboradas por sua própria comunidade [...] (Gonzalez, 2024, p. 99).

Em Carapajó, mais que em qualquer outro lugar, a noção de “sagrado” parece movimentar-se de acordo com as necessidades da festa, assim a centralidade do rei e da rainha reflete a preservação de estruturas sociais e culturais, como os sistemas de liderança comunitária, frequentemente associados aos reinados africanos. Segundo Candau (2012), a interculturalidade crítica permite compreender essas manifestações como expressões de resistência e recriação cultural, nas quais elementos dominantes são reinterpretados à luz de valores e práticas subalternas. Na Marierrê, o protagonismo das figuras reais e a coexistência de símbolos africanos e católicos evidenciam uma tentativa de manter vivas as tradições ancestrais, mesmo sob a aparência de adesão ao cristianismo. Essa prática reforça o caráter híbrido e multifacetado da religiosidade amazônica.

Chamo a atenção para um outro fator que indica uma ressignificação religiosa que confere plenitude ao significado de festa. Como parte do artefato material de saberes religiosos, este artigo destaca os símbolos presentes no altar da Marierrê. Conforme demonstra a imagem a seguir, ali estão: a imagem de Nossa Senhora do Rosário e do Menino Jesus deitado em uma manjedoura, junto a eles aparece, o cetro, a coroa do rei e a coroa da rainha. Estes últimos poderiam ser lidos como símbolos não religiosos, contudo, durante o evento, percebi que há a consagração desses elementos na Casa Santa, nos Palácios reais e na igreja. Esses símbolos são benzidos pela mestra guardiã e pelo pároco local, além de serem beijados pela corte real. Logo, à medida que tais ações ocorrem com outras imagens santas, atribui-se a eles o **status** de símbolos religiosos.

Imagem 2 - Altar da Marierrê.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

Para fundamentar essa percepção acerca dos saberes religiosos e sua conceituação, apoio-me em Albuquerque **et al.** (2016), pois os autores trazem essa dimensão sob a seguinte perspectiva:

Por saberes religiosos còreendemos os conhecimentos e as vivências que homens e mulheres mantêm com as coisas que culturalmente consideram sagradas, seja a partir da relação estabelecida com Deus, anjos, santos, entidades, padres, pastores, dentre outros agentes, seja a partir da relação com objetos ou a natureza, a exêlo de animais ou plantas (Albuquerque **et al.**, 2016, p. 83).

No que se refere aos saberes religiosos, ao rezar as ladainhas, dona Marinete consagra as coroas, o cetro, o Menino Jesus e a imagem de Nossa Senhora do Rosário, elementos que, por meio do rito, são transportados da condição de objetos comuns para a de artefatos sagrados, essenciais na mediação entre a realeza e toda a simbologia presente no universo festivo. De acordo com Gonçalves (2007):

Os objetos não apenas demarcam ou expressam tais posições e identidades, mas que na verdade, enquanto parte de um sistema de símbolos que é condição da vida social, organizam e constituem o modo pelo qual os indivíduos e os grupos sociais experimentam subjetivamente suas identidades e **status** [...] (Gonçalves, 2007, p. 21).

Ao disponibilizar a visualização dos símbolos ao público, a mestra guardiã evidencia a função de cada um deles neste evento. A partir desse patrimônio apresentado na festa, é possível pensar em uma recusa à hierarquização da sociedade local, bem como uma reação ao preconceito e à discriminação que, para além do espaço da festa, revestiram o cotidiano da vila, visto que esses artefatos são objetos que se articulam aos acontecimentos que marcaram a identidade coletiva em Carapajó. Nesse caso, a disposição de cada símbolo no altar, durante o evento, convida festantes e brincantes a viver uma experiência que mantém a dinâmica do rito.

Essas particularidades intrínsecas à Marierrê são o efeito simbólico de um esforço para a manutenção das formas culturais deixadas pela ancestralidade e que, em Carapajó, foram recriadas sob condições mais adversas. Mestre Augusto Corrêa conta que: “[...] a **Marierrê veio**

dos escravizados e que estes solicitaram permissão aos senhores donos da terra para fazerem a festa do rosário. Essa festa se multiplicou porque Carapajó sempre foi celeiro dessas tradições festivas”.

Observa-se que os símbolos inseridos na Marierrê, como religiosos, são expressões de resistência estética e espiritual. Esses elementos constituem uma forma de afirmação da cultura afrodescendente em um espaço predominantemente católico. De acordo com Hall (2003), a cultura é um campo de luta e negociação, onde grupos marginalizados utilizam a criatividade para afirmar suas identidades.

A religiosidade amazônica com a sua confluência de saberes estabelece uma relação entre o espaço físico e o espiritual. No caso particular das festas religiosas, percebe-se que as populações tradicionais acreditam que o território habitado por elas, as memórias e os modos de festejar trazidos por diversas gerações possuem uma dimensão sagrada, e os rituais e símbolos que envolvem esse emaranhado de condutas não se limitam à veneração de forças espirituais, mas também refletem um profundo respeito e reverência pelo lugar em que se vive e pelas práticas realizadas por sua população.

A observação dos dias de festa em Carapajó, permitiu identificar a ideia de que o sagrado é experienciado de forma muito próxima e concreta ao cotidiano dos festantes. Na Marierrê, o divino não está separado do mundo material, mas se revela nos símbolos, nas comidas, nos trajes e nos objetos que se tornam sagrados ao serem utilizados nos rituais.

Essas práticas religiosas revelam uma dinâmica de saberes em constante movimento, que refletem a herança ancestral e o próprio processo de funcionamento e adaptação das sociedades ao longo do tempo. Manifestações religiosas como a Marierrê não são estáticas; elas evoluem, absorvem novos elementos e se reorganizam conforme as realidades sociais e históricas. Nesse contexto, Gruzinski (2001) argumenta que as práticas culturais e religiosas mestiças demonstram a capacidade de reinvenção das sociedades coloniais, especialmente sob a tensão entre diferentes influências étnicas e religiosas.

Gruzinski (2001) fala sobre a ideia de mundos misturados, onde diferentes sistemas simbólicos e religiosos se interpenetram, criando formas de devoção e culto. No caso da população carapajoense, as práticas religiosas são exemplos de saberes em movimento, que emergem a partir do encontro de elementos africanos, indígenas e europeus. A festa de Nossa Senhora do Rosário, por exemplo, é uma clara expressão dessa mestiçagem. Trazida ao Brasil pelos escravizados africanos e adaptada às condições locais, essa devoção não só ressignifica os elementos do cristianismo, mas também incorpora os saberes ancestrais africanos e indígenas, criando um sistema ritualístico que carrega em si as marcas da história de resistência e sobrevivência cultural.

Alencastro (2000), examina como o Brasil se constituiu a partir da articulação do tráfico de africanos escravizados e das sociedades indígenas, e como as práticas religiosas resultantes desse processo são fundamentais para compreender o funcionamento social do país. O autor aponta que a religiosidade no Brasil colonial e pós-colonial foi moldada pela imposição do cristianismo europeu e pela resiliência e criatividade das populações africanas, que, ao longo de séculos, adaptaram seus saberes e práticas espirituais às novas realidades. Esse movimento constante de adaptação e reinterpretação das tradições, segundo o autor, tal aspecto garantiu a sobrevivência desses grupos, além de moldar profundamente a própria identidade brasileira.

A organização da Marierrê revela uma estrutura comunitária complexa, sustentada por papéis definidos e responsabilidades transmitidas entre gerações. No centro dessa organização encontra-se a mestra guardiã, responsável por guardar os símbolos, conduzir ladainhas, orientar a corte real, dialogar com as famílias e assegurar que os ritos sejam cumpridos conforme a tradição. Ao lado dela, atuam mestres do samba de cacete, cozinheiros, famílias reais, músicos, brincantes e demais colaboradores, compondo uma rede de trabalho coletivo sem a qual a festa não se realiza.

A escolha dos futuros reis e rainhas também evidencia a dimensão temporal e familiar da celebração. De acordo com a tradição local, não há eleição formal. Os pais inscrevem seus filhos ainda pequenos, muitas vezes logo após o nascimento, manifestando o desejo de que ocupem futuramente a função real. Esses nomes são registrados no Livro da Marierrê, documento manuscrito guardado pela mestra guardiã, que organiza a sucessão dos reinados e preserva a memória da festa. Tal prática demonstra que a Marierrê é projetada para além do presente, pois envolve expectativas familiares, preparação financeira, compromissos espirituais e responsabilidades assumidas com anos de antecedência.

Nesse processo, o chamado treinamento da corte real constitui uma etapa formativa da festa. Nele, os integrantes aprendem como caminhar nos cortejos, como portar os símbolos, como se posicionar nos palácios e na igreja, como responder aos cânticos e como assumir publicamente a função ritual que lhes foi atribuída. Trata-se de uma aprendizagem baseada na oralidade, na observação e na convivência com os mais velhos. Por essa razão, a ancestralidade na Marierrê não se limita à evocação do passado, mas se realiza concretamente no ensino dos gestos, na guarda dos objetos, na preparação dos espaços, na partilha dos alimentos e na continuidade das responsabilidades comunitárias.

Em diversos momentos deste artigo, discute-se uma herança adquirida no seio familiar com a intenção de apontar para um patrimônio simbólico adquirido em razão da festa. Portanto, ao tratar do treinamento da corte real, reporta-se a uma das responsabilidades de dona Marinete, a de ensinar a realeza a exercer essa função. Tal atribuição está há anos dentro da família dessa mestra guardiã, o que reforça a ideia de que determinadas incumbências são transmitidas entre as gerações, conforme registro abaixo:

Eu tenho uma responsabilidade muito grande, de rezar a ladainha, de guardar o livro da Marierrê, de guardar os símbolos, de ir ensinando para essas gerações dos mais novos que vão chegando como é o reinado, eu conto para todos os que vem como é essa festa, que é uma tradição nossa, dos carapajoenses...então, quando chega dia 24 a gente arruma lá a Casa Santa e eu faço a reza do menino Jesus e daí a gente vai pra igreja, pra missa do Natal. Depois eu vou na casa do rei e da rainha e a gente reza a ladainha e bebe o chocolate. No último dia, eu acóanho a coroação e fico ali direcionando os símbolos e posicionando os reis e príncipes [...] (Marinete Ribeiro - transcrição de entrevista).

A narrativa de dona Marinete relata um formato peculiar de transmissão de saberes e responsabilidades para com a festa, herda-se esse legado das próprias famílias. Assim, desde 1986, após o seu pai e a sua mãe terem tido essa função, passa à dona Marinete o cargo de mestra guardiã da Marierrê.

Os saberes religiosos, especialmente aqueles transmitidos durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, desempenham um papel crucial na manutenção e perpetuação da memória cultural da comunidade. Segundo Brandão (2007, p. 308), “[...] a estrutura de garantia da memória e do

saber religioso popular é frágil, porque depende inteiramente da atividade contínua de suas redes sociais e especializadas de controle e docência”. Dessa forma, a atuação das ladainhas rezadas na Marierrê simboliza a mediação de um saber tradicional que está sob a responsabilidade da mestra guardiã.

Essas rezas, de acordo com Cascudo (2001), são composições que envolvem súplicas e louvores em sequência, funcionando como instrumentos de transmissão oral de crenças, valores e narrativas ancestrais. Desse modo, ao entoarem as ladainhas junto à mestra guardiã, os membros da corte reforçam o vínculo entre o sagrado e a comunidade, educando os participantes sobre os significados profundos da celebração. Por ocasião da apresentação do corpo real, dona Marinete, reza junto aos reis e demais festantes, um rosário.³

As práticas religiosas carapajoenses mostram-se como importantes vetores de saberes em movimento. Os rituais, como os da Marierrê, são espaços onde essas populações expressam suas crenças e valores, mas também onde o diálogo entre passado e presente, entre ancestralidade e contemporaneidade, se faz evidente. A devoção a Nossa Senhora do Rosário, embora incorporada ao calendário católico, é profundamente atravessada por esses símbolos que se atualizam conforme as necessidades e demandas das comunidades mudam.

Esse movimento religioso, ao mesmo tempo que conserva elementos do passado, evidencia um processo dinâmico e adaptativo, onde as populações preservam, mas também transformam suas tradições, refletindo as novas configurações sociais. É nesse contexto que a festa e outras manifestações religiosas carapajoenses podem ser compreendidas como expressões de saberes que estão em movimento, dialogando com o presente sem perder suas raízes ancestrais, e, por meio disso, revelando o próprio funcionamento e as transformações das sociedades em que estão inseridas.

A religiosidade presente nas festas amazônicas, como a Marierrê, está profundamente enraizada nas comunidades que as celebram. Para Menezes (1935), a ancestralidade e a religiosidade afro-amazônica são forças indissociáveis que moldam as expressões culturais e festivas da região. Nesse prisma, o estudioso explora, em seus versos, a presença viva dos tambores de negro, que trazem à tona as memórias dos antepassados e evocam a espiritualidade de matrizes africanas incorporadas ao cotidiano amazônico.

Dentro desse contexto, os saberes religiosos envolvem um conjunto amplo de ensinamentos que englobam aspectos culturais, ambientais e sociais. Como aponta Bondía (2002, p. 27), o saber religioso é um saber da experiência, evidenciado “[...] no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”. Isso significa que a festa de Marierrê, enquanto prática educativa, transmite conhecimentos que evidenciam a participação ativa nos rituais, da convivência comunitária e da internalização de valores espirituais que se reforçam ano após ano durante as celebrações.

Outro aspecto importante dos saberes religiosos é o modo como estes são transmitidos de geração em geração. Nesse caso, a tradição oral desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo que as histórias, os mitos e as práticas religiosas sejam continuamente

3 O Rosário é uma corrente ou fio auxiliar na meditação e na oração. Geralmente é composto por cinquenta ou cento e cinquenta pequenas contas, que indicam o mesmo número de Ave-marias, ou seja, as palavras de Gabriel na anunciação de Maria, em cinco conjuntos de dez unidades, separados por uma conta maior, representando o Pai nosso. Cada conjunto de orações corresponde a meditação sobre um fato da vida de Jesus ou de Maria (Becker, 1999. p. 238).

renovados e adaptados às novas realidades. Segundo Chartier (1990, p. 18), “[...] a memória coletiva é o lugar onde o passado é constantemente refeito, não como uma simples conservação, mas como uma reconstrução ativa e contínua”. Na festa de Marierrê, essa memória coletiva se manifesta através dos rituais e das práticas que reforçam a identidade cultural e espiritual da comunidade. Ao participar da festa, as novas gerações são inseridas em um processo de aprendizado que lhes permite conhecer a história e a espiritualidade da comunidade e compreender seu papel dentro dela.

Os saberes religiosos da Marierrê educam ao integrar os símbolos da festa a uma memória ritualística ancestral que reúne a fé e a cultura dessa população. Como parte de uma pedagogia religiosa, esses saberes constituem uma prática de ensino e aprendizagem dinâmica, que transmite valores espirituais e sociais para a vida comunitária na Amazônia. Essa vida comunitária, que se reafirma pela festa, também apresenta os sabores, a cozinha, as mãos habilidosas que recontam histórias de gerações. Na simplicidade do que se come e no cuidado do que se oferece, o sagrado e o cotidiano se entrelaçam, perpetuando a essência da festa em gestos que alimentam o corpo e a cultura.

Considerações finais

A análise da festa da Marierrê, realizada na vila de Carapajó, possibilitou compreender essa manifestação como uma expressão complexa e historicamente situada da religiosidade afrodescendente na Amazônia Tocantina, na qual se articulam fé, ancestralidade, memória, território e organização comunitária. Ao longo do estudo, evidenciou-se que a celebração, embora formalmente vinculada ao catolicismo, opera por meio de uma lógica simbólica própria, construída a partir da reelaboração de matrizes africanas em diálogo com contextos marcados pela colonialidade, pela racialização e pela persistente marginalização de saberes não hegemônicos.

Os resultados demonstram que a Marierrê se configura como um espaço privilegiado de produção de sentidos sobre o sagrado, no qual práticas rituais, narrativas orais, performances corporais, musicalidades e formas específicas de organização social constituem dispositivos fundamentais de transmissão de conhecimentos. Esses saberes, inscritos na experiência vivida da festa, são permanentemente atualizados por meio da participação intergeracional, da centralidade das lideranças simbólicas, do reconhecimento dos mestres e mestras guardiãs e da valorização da memória coletiva, assegurando a continuidade de uma tradição que se reinventa diante das transformações sociais, políticas e religiosas que atravessam o território.

A pesquisa também evidencia que a festa não pode ser compreendida apenas como manifestação cultural ou como expressão folclórica desprovida de densidade histórica e política. Ao contrário, a Marierrê constitui-se como um território de disputas simbólicas, de afirmação identitária e de resistência epistemológica, no qual se tensionam relações de poder, processos de silenciamento e tentativas de homogeneização cultural. Nesse sentido, a celebração inscreve-se em um conjunto mais amplo de práticas afrodescendentes que desafiam narrativas coloniais, problematizam hierarquias raciais e religiosas e contribuem para a construção de outras formas de compreender a religiosidade, a história e a produção do conhecimento no contexto amazônico.

Observa-se, ainda, que a dimensão educativa da festa ocupa lugar central na constituição dos sujeitos e na manutenção dos vínculos comunitários. A Marierrê opera como um espaço de

formação coletiva, no qual crianças, jovens, adultos e idosos aprendem, por meio da experiência ritual, valores, normas, narrativas históricas e modos específicos de relação com o sagrado. Trata-se, portanto, de uma pedagogia própria, ancorada na oralidade, na corporeidade, na convivência e na ancestralidade, que desafia modelos escolares hegemônicos e amplia as possibilidades de compreensão dos processos educativos em contextos não formais.

Por fim, este estudo reafirma a importância de reconhecer as festas negras e afrodescendentes como espaços legítimos de produção de saberes, de elaboração de projetos coletivos de existência e de fortalecimento das identidades afrodescendentes. Ao evidenciar os processos de reinvenção do sagrado em Carapajó, o artigo contribui para o avanço de perspectivas decoloniais no campo dos estudos religiosos, culturais e educacionais, ao mesmo tempo em que aponta para a necessidade de ampliar investigações que valorizem as experiências locais, os protagonismos comunitários e os modos próprios de produzir, transmitir e legitimar conhecimentos nas margens do sistema hegemônico.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia B.; SOUSA, Márcio Barradas. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). **Uwakürü**: dicionário analítico. Rio Branco: NEPAN Editora, v. 1, 2016. p. 230-250.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Còanhia das Letras, 2000.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: Rito Nagô. São Paulo: Còanhia das Letras, 2001.
- BEZERRA, Ana Lúcia. As irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos no Brasil: identidade e diferença cultural. **Projeto História**, São Paulo, n. 51, p. 119-138, 2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Território e desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Cãinas: Editora da Unicã, 2007.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, Cãinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000100015>.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª ed. São Paulo: Global, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e religião na festa do Divino. **Revista Anthropológicas**, Recife, v. 18, n. 2, p. 105-122, 2007. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23703>. Acesso em: 19 jun. 2026.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Arturos**: olhos do rosário. Belo Horizonte: Mazza, 1990.
- GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. Editora Boitêo, 2024.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2007.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Còanhia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MACHADO, Valdecy dos Santos; RAMOS, Maria de Fátima Silva; GUIMARÃES, Priscila Aragão; FERREIRA, Benedita do Carmo Viana. Marierrê: a resistência de um patrimônio histórico, cultural e religioso da vila de Carapajó/Cametã-PA. **Revistaft**, [on-line], v. 29, n. 140, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/marierrê-a-resistencia-de-um-patrimonio-historico-cultural-e-religioso-da-vila-de-carapajo-cameta-pa/>. Acesso em: 18 jun. 2026.
- MENEZES, Bruno de. **Batuque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dez. 1995/fev. 1996. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>.
- PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.
- PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Desvendando traços culturais da região do Tocantins/Pará. In: **Acervo de pesquisa Inclusão, Diversidade e Educação**: Perfil educacional de povoações remanescentes de quilombolas da região do Tocantins, no Pará. MEC/UNESCO, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2002a.